

APRESENTAÇÃO

Paul Ricoeur (1913-2005) destaca-se como um pensador francês que atravessou o século XX com uma extensa bibliografia nas mais variadas áreas. Sua análise sobre agir humano presente em obras como *Soi-même comme un autre* e *La Mémoire, l'histoire, l'oubli* propiciam novas considerações e ponderações sobre ética e o espírito humano especialmente após as barbáries da Segunda Guerra Mundial. Em *O perdão segundo Paul Ricoeur* Giovanni Cucci desenvolve a temática do perdão em conexão com as noções de memória, história e esquecimento apresentadas por Ricoeur. O autor enfatiza a contribuição de Ricoeur para que possamos entender a dinâmica envolvida nos atos de pedir perdão, oferecer o perdão e dar o perdão dentro de uma perspectiva relacional. O próprio Ricoeur nos adverte em *Le pardon peut-il guérir?* que: “Mas se o perdão é mais do que o trabalho, é acima de tudo porque a primeira relação que com ele temos consiste não em exercê-lo, ou dá-lo, como se diz, mas em pedi-lo. Também na dimensão do político, o importante é destruir a dívida, mas não o esquecimento. É então que o perdão, em virtude da sua própria generosidade, se revela ser o cimento entre o trabalho de memória e o trabalho de luto.” (*Esprit*, nº 210 (1995), p. 77-82.)

No texto *Hegel e o problema do começo da ciência*, Keberson Bresolin aponta para uma leitura na qual se constata que a relação desenvolvida por Hegel, através do método dialético, demonstra ser a ciência da lógica a verdadeira ciência. Partindo da afirmação hegeliana de que a Fenomenologia é pressuposta à Lógica, na medida em que aquela é a ciência da consciência e tem por finalidade demonstrar que tal consciência possui como resultado final o conceito da ciência, ou seja, o saber puro; o autor descortina uma série de conceitos e implicações para apresentar como Hegel entende o começo da ciência.

Em *Violência e Sombra*, Maria da Graça Serpa disserta sobre o fenômeno da violência e da sombra visto a partir do viés psicanalítico. Na origem de seu texto encontra-se patente a noção de medo como um produto não só da violência, mas também como de uma sombra que obnubila o próprio fato de exercermos o autoconhecimento. A autora nos assevera que os critérios de rapidez, produtividade e lucro, tão caros a grande maioria de nós e à nossa sociedade, são ineficazes para trabalharmos com o conceito de alma. Para trabalharmos com pessoas e com o mundo em que elas vivem requer-se um trabalho lento, terno, carinhoso. Trabalho esse que pode ser descrito como um “fazer alma”, isto é, criar condições para que a pressa, o lucro e a produtividade não sejam os norteadores determinantes do agir e do conhecer humano.

A partir de sondagens realizadas com gestores do Ensino Superior os professores Wille Muriel e Domingos Giroletti constroem o texto *Captação e retenção de alunos no Ensino Superior*, no qual apontam para estratégias de trabalho e mercado que podem indicar a direção a ser seguida para que se efetivem não só a captação e manutenção de alunos; mas também a plena potencialidade construtora da sociedade na qual as Instituições de Ensino Superior (IES) se encontram envolvidas. Os autores têm presente que nem só de critérios mercadológicos e de marketing podem subsistir as IES, pois a gama de fatores pela qual o aluno escolhe e permanece em uma IES não se restringe apenas a dados que envolvem produtividade, mercado de trabalho e sucesso profissional.

Joaquim Blessmann em seu texto *Como foi definido o início da era cristã* apresenta-nos interessantes dados históricos da construção quer seja do calendário juliano, quer seja do gregoriano. O autor propõe-nos, baseado em pesquisas históricas, que o início da era cristã se dá não no dia 25 de dezembro, data do nascimento de Cristo, mas sim no dia 25 de março, data de sua concepção.

Laura Affonso Costa Levy discorre sobre o Projeto de Lei 3.220/08 em seu artigo sobre o *Parto Anônimo e a Real proteção da Criança e do Adolescente*, apontando as lacunas no tratamento da questão do parto anônimo e propõe que, se a sociedade quiser efetivamente resguardar direitos e proteger as crianças de abortos e abandonos, dever-se-á procurar construir uma séria e ponderada política de saúde pública sob o risco de que, se a mesma não for criada, continuar o Estado e a Sociedade a trabalhar com soluções precárias e imediatistas.

No artigo *Nova et Vetera*, José Nedel apresenta suas considerações sobre o dizer humano que sempre é novo e sempre velho quando visto apenas sob o prisma do tempo. A questão do tempo em que vivemos e a resposta que damos aos fatos de nossa época são por Nedel analisadas para afirmar que “não chegamos nem cedo nem tarde demais, porém no tempo próprio, o melhor para nós – tempo de graça e frutificação – para existir, falar e principalmente fazer o que convém.” O ser humano é, apenas em parte, fruto de seu tempo e contingências culturais. Porém, não devemos nos esquecer que o nosso tempo requer nossa(s) resposta(s) às muitas questões que, se para alguns se encontram pendentes, para aqueles que as observam do alto, há sempre uma resposta que é velha e nova ao mesmo tempo: buscar a transformação do mundo e de suas contingências permeando-o com as palavras eternas da Verdade.

Dr. Cléber Eduardo dos Santos Dias
Editor
Professor da Faculdade IDC